

## A ESCRITA DA CIDADE BRUTAL

Adrielle Leite <sup>1</sup>

### RESUMO

Este ensaio busca analisar a escritura da cidade através da literatura brasileira contemporânea. Onde a presença dos indivíduos considerados invisíveis diante da organização social é retratada na obra *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos* (2009) de Ana Paula Maia. A cidade brutal é configurada a partir dos desmontes sociais em que a ordem urbana é totalmente deixada de lado em função dos indivíduos que estão à margem da sociedade.

**Palavras-chave:** Cidade. Literatura. Alteridade. Contemporaneidade.

O conceito de Literatura Contemporânea ainda não está totalmente definido, pois é composta através do tempo, partindo da necessidade de se expressar, de escancarar os cenários escondidos da sociedade que insiste em acobertar realidades duras e cruéis. É nesse sentido, que muito dos escritores da atualidade se debruçam sobre a escrita da cidade em busca de escancarar o tem presente. Segundo Agambem (2009, p.58) “o contemporâneo é intempestivo” e é essa inquietação que move esses escritores. Em sua trilogia chamada de Saga dos miseráveis, em sua obra *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos*, Ana Paula Maia escreve com impecabilidade, a crueldade de um grupo de homens situados em um espaço subalterno, onde a degradação e a exclusão social ganha voz. Retratando um encadeamento de imagens cruéis, onde o sangue, animais e a violência estão em torno dos personagens.

Em sua obra *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos*, Ana Paula Maia traz à tona uma cidade localizada no subúrbio, espaço onde iremos nos deparar com homens considerados brutamontes.

Cão de rinha é um cão que não teve escolha. Ele aprendeu desde pequeno o que o seu dono ensinou. Podem ser reconhecidas pelas orelhas curtas ou amputadas e pelas cicatrizes, pontos e lacerações. Não tiveram escolha. Exatamente como Edgar Wilson, que foi adestrado desde muito pequeno, matando coelhos e rãs. Que carrega algumas cicatrizes pelos braços, pescoço e peito. São tantos riscos e suturas na pele que não se lembra onde conseguiu a metade. Porém a marca da violência e resistência à morte de outros

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras Vernáculas, UCSal, membro do grupo de pesquisa Temporalidades Urbanas. E-mail: drixleite@gmail.com.

animais nunca tiraram o brilho de seus olhos quando contempla um céu limpo. Dia ou noite, ele passa boa parte de seu tempo olhando para cima. Quem sabe espera que alguma coisa aconteça no céu ou com o céu... Talvez queira retalhar algumas nuvens com o seu facão. Apesar de ter sido criado feito cão de rinha, aprendeu que isso é melhor do que ser um porco. (MAIA, 2009, p.66-67)

O subúrbio reflete a existência ordinária dos personagens, apresentando uma cidade que foge dos parâmetros de lugar ideal para a sobrevivência, afinal de contas, a esses homens restou-lhes apenas a sobrevivência. O espaço retratado na obra dialoga com o enrijecimento de homens que vivem na extrema miséria, entretanto, Ana Paula consegue arrebatá-los com lirismo, a alteridade no leitor. O lado mais humano desses brutos que estão submergidos em um cotidiano de indigência, penúria e brutalidade.

A escritora quando questionada em uma entrevista, ao *Jornal Rascunha* em 2011, diz que retrata em sua obra a violência pautada em trabalhos e profissões que as pessoas precisam ter. A forma com que descreve a cidade e as pessoas que vivem nela, afirma que busca representar as atrocidades vivenciadas por homens e mulheres que embora sejam trabalhadores lidam com o cotidiano perverso dos grandes centros urbanos.

É evidente que a construção do espaço urbano feito por Ana Paula Maia diverge de um ambiente pertinente à sobrevivência de qualquer ser humano. Pois, seus personagens estão fadados a sobreviver em ambientes que qualquer um evitaria, no entanto, eles vivem e sobrevivem em espaços subalternos.

Como resultado de um sistema marcado pela desigualdade social esses sujeitos subalternos mantêm o bom funcionamento da sociedade e é pautada na dicotomia das classes que Ana Paula Maia desenvolve seus personagens. Os dois homens-bestas retratados na novela “Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos” têm apenas duas atividades: matar e limpar porcos e se divertir assistindo cães brigando até a morte. Esses dois sujeitos estão rodeados pela morte, ou seja, à morte sempre está cercado esses indivíduos, deixando evidente a vivência do universo precário.

É evidente que são características do momento que a cultura vive hoje, em termos de organização do mundo, que fazem com que elementos como o sentido de urgência, com predomínio do olhar sobre o presente, e a familiarização com o trágico cotidiano atravessem múltiplas obras (RESENDE, 2008, p.30)

A tragicidade ganha uma grande proporção na contemporaneidade trazendo a cidade inquieta e arbitrária é “o sentimento do trágico da existência aquilo de que temos dificuldade de falar e como tal sentimento conforma as identidades que dominam a narrativa” (RESENDE, 2008, p. 30).

Em dias tão ensolarados, com o ar estagnado e o cheiro de esgoto e tripas entalados no seu nariz, existe a sensação de que isso nunca acabará. Você se sente condenado num lugar desses, numa situação dessas. O mau cheiro e o calor freiam os movimentos e dificultam o raciocínio. Tudo o que se espera é pela noite. Com menos fedor e uma brisa vez ou outra. (MAIA, 2009, p.77)

O trabalho de Maia é pautado na violência que reside em profissões onde se exige impetuosidade. Representa a violência da cidade e os indivíduos subalternos, que estão à margem para os espaços privados dos personagens da segunda novela *O trabalho sujo dos outros* que compõe a obra de Ana Paula.

A pobreza e a exclusão social representadas nas duas novelas “Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos” e “O trabalho sujo dos outros” que compõem a obra de Ana Paula Maia, é trazida como um pequeno lugar onde a miséria é modificada em cenário. Os homens brutamontes retratados no livro representam os indivíduos que pertencem à margem do que seria o centro social. Um grupo de homens que são representados através dos fragmentos da conjuntura social, dentro da narrativa, que não conseguem mudar a realidade que vivem.

Esses personagens, já não possuem mais esperança, nem medo; que se tornaram invisíveis para sociedade, sem perspectiva de explorar o todo do espaço que fazem parte.

Segundo Certeau (1994) [1990] não seria possível ler e escrever a cidade através dos seus cidadãos, no entanto, não seria possível fazer um retrato desse espaço sem utilizar as pessoas que fazem parte dela, ou seja, as pessoas que transitam nesses ambientes.

Doreen Massey propõe que “o lugar, idealmente concebido como sistema fechado de uma comunidade essencializada, deixa de ser um local de coerência para significar ponto de encontro de diversas temporalidades”. (MASSEY, 2008, p.111). Portanto, todo e qualquer espaço é definido na relação entre sujeito e espaço. Ao refletir o espaço é necessário analisar sua condição e onde está localizada.

Partindo da perspectiva de Certeau e Massey, entendemos que todo e qualquer espaço espelha suas hierarquias, dessa forma, analisaremos esses espaços criado por Ana Paula Maia.

O cheiro pela cidade é insuportável. O calor intensifica o aroma azedo. Pessoas e ratos dividem o mesmo espaço à luz do dia. Eles, os ratos, caminham livres e não se importam com a claridade do sol. (MAIA, 2009, p.144)

É através da construção de cidade dicotômica que Maia que constrói a localização dessa cidade e também molda o caráter desses personagens que não possuem expectativa e se conformam com a rotina traçada para eles, onde a cada dia que passa se aproximam mais da morte. A imagem da cidade trazida por Maia passeia sobre a imundície e esquecimento

levantando um questionamento sobre a configuração social existente. A hostilidade entre o subalterno e o privilegiado. As dicotomias entre zona norte e zona sul, entre rico e pobre, alavanca os mecanismos de marginalização presentes na cidade do Rio de Janeiro. Na obra analisada, podemos perceber como os sujeitos se comportam diante as situações. Eles agem segundo seus interesses, sem levar em consideração o seu semelhante, durante a leitura do livro, podemos cogitar a possibilidade de que esses homens retratados por Maia, não possuem coração, no entanto, eles provam a maneira deles, de que ser um brutamonte não é ser sinônimo de falta de empatia.

Gerson olha para o que tem no final da corda e, bastante consternado, concorda com o amigo, a ideia de fazer os porcos caminharem o que faltava foi de dele e Edgar em nenhum momento discordou. Pelos amigos se fazem sacrifícios, a gente não mede, ele pensa, a gente tem que segurar porcos pelo rabo se for preciso, separar cães em rinhas, mas pelos amigos valem os sacrifícios. (Maia, 2009, p.45)

A imundície retratada pela autora possui duas perspectivas: a sujeira que todos conseguem ver com os amontoados de lixo, mas que metaforicamente pode ser transfigurada no processo de hierarquização social, posicionamento político e comportamental desses sujeitos. Uma outra questão trazida por Maia diz respeito ao esquecimento social, pelo qual, as minorias sempre sofreram em detrimento de um sistema econômico desigual. Onde muitos dos que nada tem foram postos e renegados. Vivendo sempre no escuro e/ou a margem dos (poucos) quem muito tem.

Ana Paula consegue extrair das mazelas vividas e brutalidades praticadas por esses homens, a alteridade que tanto se discute atualmente. Um dos princípios básicos do conceito de alteridade diz respeito às relações de interação e dependência do outro. A alteridade condiciona um indivíduo se colocar no lugar do seu semelhante.

Essa é minha noiva, Shirlei Márcia. Sei que é estranho, mas antes de pedir a mão dela em casamento eu preciso me certificar... certificar mesmo de que ela me ama. Ela tem cinco mil reais numa conta. É todo o seu dinheiro... se ela pagar o meu resgate com esse dinheiro que juntou durante anos, aí sim vou saber que ela merece meu amor. (MAIA, 2009, p. 59)

Como Edgar Wilson passou por uma situação bem próxima de Cleiton (funcionário público), e também da necessidade da quantia proposta pelo para o fingimento do sequestro, juntamente com seu amigo Gerson, aceita fazer parte dessa prova de amor. Provando mais uma vez dentro da narrativa que homens que foram treinados para serem cruéis também possuem suas fragilidades.

Apesar de se tornarem indivíduos assujeitados, esses homens, independentemente da profissão que exercem, ou da forma com que encaram a vida, conseguem chamar atenção,

pois mesmo enrijecidos pela vida, e transparecem frieza dos seus sentimentos, ao passo que o seu cotidiano transcorre, mesmo que de forma inconsciente esses homens mostram como a afetividade e suas expressões fazem parte da subjetividade humana.

Ao percorrer a narrativa de Ana Paula Maia, também é possível perceber a construção da alteridade levada até às últimas consequências, os personagens são vistos como animais, que diante do cotidiano sujo e grotesco são assemelhados a porcos ou cães de rinha, que precisam estar constantemente em espaços de sujeira ou constantemente atacando.

Cão de rinha é um cão que não teve escolha. Ele aprendeu desde pequeno o que o seu dono ensinou. Podem ser reconhecidos pelas orelhas curtas ou amputadas e pelas cicatrizes, pontos e lacerações. Não tiveram escolhas. Exatamente como Edgar Wilson, que foi adestrado desde muito pequeno, matando coelhos e rãs. Que carrega algumas cicatrizes pelos braços, pescoço e peito. São tantos riscos e suturas na pele que não se lembra onde conseguiu a metade. (MAIA, 2009, p.69)

Edgar considera-se um homem cão de rinha, pois, no meio em que nasceu, foi criado e está destinado a passar o resto dos seus dias sendo desafiado a atacar para se defender e manter-se vivo para o próximo desafio. Dois homens- bestas que trabalham matando porcos, e levam uma vida semelhante à dos animais. Vivem na sujeira, excluídos, e não conseguem olhar para cima, sendo uma metáfora para a falta de esperança e sonhos dos homens.

Segundo Regina Decastagnè (2012, p.14) “As cidades, então, são territórios de aglutinação, de encontro de pessoas de diferentes procedências e de segregação”. A cidade é o retrato humano, espaço de encontro e vida em comum. É também considerada uma representação da heterogeneidade humana. Onde um grupo de pessoas que não se identificam costuma se relacionar mesmo que de forma indireta. E a partir dessa segunda perspectiva de cidade; espaço de divergências que são criados cenários onde existem múltiplas possibilidades.

A literatura brasileira contemporânea utiliza-se desse espaço diverso e de grande variedade para construir narrativas que vai para além da necessidade de um cenário para projetar uma trama, tornando a cidade não só uma representação, como também, personagem. E a partir desse fator, a cidade contemporânea além de tema, se transfigura em um problema, por que analisá-la não se trata apenas de fazer um levantamento de localidades, mas sim, fazer um alerta do seu estado procurando discutir as angústias criadas através desse convívio conflituoso. Onde as regras que garantem sua sobrevivência foram esquecidas, tornando inviável levantar teorias, ou apenas uma visão panorâmica.

Tomando a cidade como local de produção literária contemporânea, levando em consideração que ela não é análoga, mas segmentada e acima de tudo, ordenada. Onde é

estabelecido quais indivíduos preenchem determinados lugares. É na gênese dessas hierarquias que as questões de classes, raça, sexo se encontram.

É, sobretudo, importante analisar como a produção contemporânea se comporta diante dessas questões. As contrariedades trazidas em razão da sistematização desse espaço pode ser lida apenas como aspecto naturalizado, ou serem contestadas, para explicar o pressuposto da opressão desse espaço e exteriorizar as dicotomias de poder.

Para investigar a associação estabelecida entre o espaço e as pessoas que transitam nele, é indispensável captar as subjetividades dessas narrativas, ao passo que, reconhecer a cidade como representação brutal permite perceber que os personagens e suas experiências cotidianas refletem o caos do viver nas cidades atuais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A forma, com que Ana Paula consegue trazer a imagem do sujeito subalterno demonstra claramente que por mais que se trate de uma novela, ficção, o espaço que esses homens ocupam é um espaço comum e existente na sociedade. O que nos faz refletir sobre a condição do espaço destinado à margem.

Em suma, Ana Paula consegue trazer uma discussão sobre a condição precária que o sujeito contemporâneo está enfrentando. A sociedade está diante da expressão de territorialidade à vida, que é constituída pela violência material e corporal.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo? E outros ensaios**. Trad. Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009, p.57- 73

DELCASTAGNÈ, Regina. **Espaços possíveis na Literatura Brasileira Contemporânea**. Porto Alegre: Zouk, 2015.

DE carne e osso. Disponível em: <http://revistatrip.uol.com.br/trip/de-carne-e-osso>. Acesso em: 08 jun. 2017.

KILLING Travis. Disponível em: <http://killing-travis.blogspot.com.br/>. Acesso em: 08 jun. 2017.

MAIA, Ana Paula. **Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos: duas novelas**. Rio de Janeiro. Editora Record, 2009.

Racunha. Disponível em: <http://rascunho.com.br/ana-paula-maia/>. Acesso em: 15 mar. 2018.